

A VELHA SENTO-SÉ E O PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL SUBMERSOS PELAS ÁGUAS DA BARRAGEM DE SOBRADINHO

THE OLD SITES AND THE MATERIAL AND IMPERIAL HERITAGE SUBMERSED BY WATER OF THE SHRINKLING DAM

Enviado em: 09/12/2019

Aceito em: 04/06/2021

Adzamara Rejane Palha Amaral¹
Juracy Marques dos Santos²

Resumo

A construção da Barragem de Sobradinho, localizada no Submédio São Francisco na Bahia, teve início na década de 1970, pois fazia parte das políticas da Eletrobrás, organizada pelo Governo Federal, para implantação de grandes projetos hidrelétricos no país. Assim, esta pesquisa tem como objetivo descrever um perfil histórico, socioambiental e cultural da cidade da Velha Sento-Sé, inundada no ano de 1976 pelas águas do Lago de Sobradinho. A metodologia utilizada para desenvolver esta pesquisa foi a entrevista semiestruturada que reconstrói a história por meio das recordações de fatos e acontecimentos políticos e socioambientais, vivenciados pelos deslocados numa época marcada por memórias silenciadas pela Ditadura Militar. Além de jornais da época foram catalogados documentos institucionais e fotografias cedidas por atingidos de Sento-Sé. Este estudo resultou em um material narrativo escrito que servirá para estudos que abordam os temas: barragens e Sento-Sé.

Palavras-chaves: Agricultura. Fontes Escritas. História Socioambiental.

Abstract

The construction of the Sobradinho Dam, located in the São Francisco Submidio in Bahia, began in the 1970s, as it was part of the policies of Eletrobrás, organized by the Federal Government, for the implementation of large hydroelectric projects in the country. This research aims to describe a historical, socioenvironmental and cultural profile of the city of Velha Sento-Sé, flooded in 1976 by the waters of Sobradinho Lake. The methodology used to develop this research was the semi-structured interview that reconstructs

¹ Mestranda em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGECOH), Universidade do Estado da Bahia – UNEB/DTCS III, adzamarajua@gmail.com;

² Docente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/DTCS III, juracymarques@yahoo.com.br

history through the recollection of facts and political and socio-environmental events, experienced by the relocated in a time marked by memories silenced by the Military Dictatorship. In addition, cataloged newspapers of the time, institutional documents and photographs provided by those affected by Sento-Sé. This study resulted in a written narrative material that will serve for studies that address the themes: dams and Sento-Sé.

Keywords: Agriculture. Written Sources. Socioenvironmental History.

Introdução

A história do nome da cidade de Sento-Sé originou-se de uma tribo de índios. De acordo com o relatório do Centro de Implantação do Reservatório de Sobradinho (CIRES, 1980), após uma invasão dos portugueses que ocasionou em uma luta entre índios e brancos, o chefe da tribo foi vencido e obrigado a morar com os portugueses no povoado. Lá ele conheceu uma mulher descendente de portugueses e tiveram um filho que recebeu o nome de Centocê, com o passar dos anos, o lugar passou a se chamar Sento-Sé.

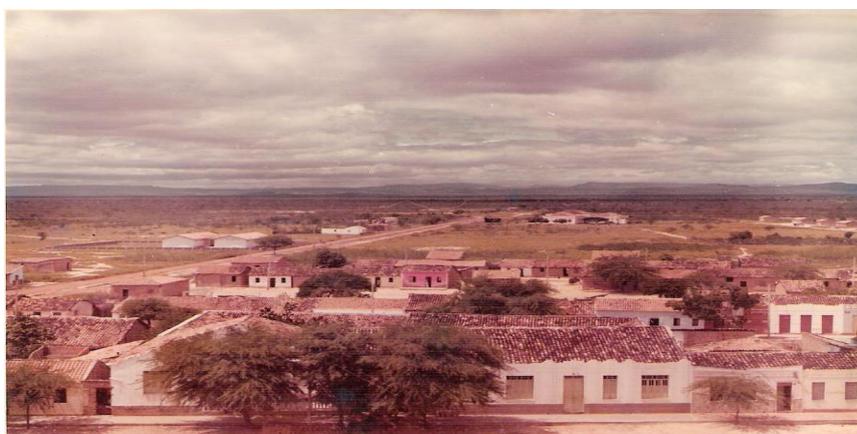


Figura 1- Vista aérea da “Velha Sento-Sé”. Fonte: arquivo pessoal da família Sento-Sé.

A cidade foi povoada no início do século XVIII por portugueses vinculados a Torre de Garcia D’Ávila para cultivar as lavouras de cana-de-açúcar. Somente em 1752, quando chegou o vigário Padre Domingo Alves de Souza, as terras passaram a se chamar arraial de Sento-Sé. Por muitos anos, disputas por terra marcaram o cotidiano da comunidade. Em 06 de julho de 1832, um decreto

provincial criou o município de Sento-Sé, e em 21 de novembro de 1883, foi confirmada a emancipação política (AMARAL, 2012).

De acordo com os documentos do Centro de Implantação do Reservatório de Sobradinho (CIRES, 1980), na sede do município de Sento-Sé ficou submerso o patrimônio histórico mais significativo da região do Vale do São Francisco, a exemplo de um casarão com arquitetura colonial. Nessa propriedade estava presente toda a história legendária do São Francisco desde a fundação do Brasil, colonização do Vale do São Francisco pelas sesmarias, passagem da Coluna prestes, Lampião, e a luta exterminadora de índios. O local que seria transformado em um museu regional, ficou submerso pela inundação das águas do rio São Francisco.

A economia sentoseense na primeira década de 1900 baseava-se na extração da cera, madeira, palha da carnaúba, borracha e leite da maniçoba. No final da década de 1970, os agricultores passaram a cultivar a cebola irrigada numa área de 1.200 hectares com uma produção de 200 mil toneladas, anualmente, gerando emprego e renda à população.

O patrimônio material submerso



Figura 2- A cidade devastada pelo exército para a relocação da população local. Fonte: arquivo pessoal família Sento-Sé.

No Brasil, as construções de barragens e outras grandes obras resultaram em impactos devastadores para os meios naturais, degradações dos ecossistemas e dos modos de vida das populações, sobretudo as rurais. Essas degradações perpassam no tempo e no espaço, ocasionando a curto e longo prazo uma série de problemas (MENEZES; MARQUES, 2017).

Menezes e Marques (2017) relatam que os grandes deslocamentos populacionais ou físicos, também representam rupturas peremptórias de ordem econômica. E assim, parte das destruições posteriores está associada às rupturas de caráter econômico.

Através de entrevista com os relocados da cidade da Velha Sento-Sé foram colhidas informações a respeito da estrutura da cidade. Em relação ao patrimônio material foi obtido o seguinte: de acordo com as lembranças da professora, Marlene Cruz do Nascimento, entrevistada no dia 14 de abril, do patrimônio arquitetônico da cidade da Velha Sento-Sé ficaram erguidos a Casa Grande, que durante séculos pertenceu à família Sento-Sé, símbolo do predomínio político da família e do coronelismo no sertão; e a Igreja Matriz de São José, com alicerce construído de pedras, paredes de alvenaria e santuário folheado a ouro.

A Casa Grande localizada na Rua de Cima, era o patrimônio material mais antigo, residência da família Sento-Sé construída em 1813 com telhas antigas e dois caibros de carnaúba inteiros de trinta palmos, vindo do Rio Verde de Goiás. O piso era um assoalho de madeira (AMARAL, 2012).

Segundo o professor, Veraldino Nunes, em entrevista concedida em 13 de abril de 2019, o cais da Velha Sento-Sé, chamado de Bulhões de Carvalho ou Margem como era conhecido, localizava-se no porto fluvial, distante há 2Km da cidade. Depois, havia três ruas com casas, armazém, lojas de tecido e a pensão do senhor João Nunes que recebia visitantes vindos do estado da Bahia e Alagoas.

Na beira do cais, os vapores atracavam e traziam passageiros vindos de Pirapora para Juazeiro. De longe, já se ouvia o apito do vapor Benjamim Guimarães que avisava aos moradores que havia chegado. As embarcações

traziam novidades, alegria e notícias de terras distantes, além de uma diversidade de mercadorias para o abastecimento do comércio. Além de abastecê-los, trazia compradores para os produtos locais vindos das cidades de Bom Jesus da Lapa, Santa Maria da Vitória, Xique-Xique, Pilão Arcado, Remanso e outras localidades, afirma o professor aposentado, Veraldino Nunes.

Os versos da canção, chamada “Sobradinho” de Sá e Guarabyra, expressavam as palavras, que queríamos dizer naquele período:

O homem chega, já desfaz a natureza
Tira gente, põe represa, diz que tudo vai mudar
O São Francisco lá pra cima da Bahia
Diz que dia menos dia vai subir bem devagar
E passo a passo vai cumprindo a profecia do beato que dizia que o Sertão ia alagar

O sertão vai virar mar, dá no coração
O medo que algum dia o mar também vire sertão

Adeus Remanso, Casa Nova, Sento-Sé
Adeus Pilão Arcado vem o rio te engolir
Debaixo d'água lá se vai a vida inteira
Por cima da cachoeira o gaiola vai subir
Vai ter barragem no salto do Sobradinho
E o povo vai-se embora com medo de se afogar.

Remanso, Casa Nova, Sento-Sé
Pilão Arcado, Sobradinho
Adeus, Adeus

A professora, Marlene Cruz do Nascimento, em entrevista realizada no dia 14 de abril de 2019, ainda informou que o fornecimento dos serviços de energia elétrica e água encanada foram interrompidos. “A única luz era do candeeiro com uma iluminação precária e as águas do Velho Chico já começavam a chegar às primeiras ruas da cidade” (NASCIMENTO, 2019, informação verbal).

O patrimônio cultural dos sentoseenses

O contexto cultural ou a categoria de paisagem, como preferem alguns/as arqueólogos/as no território do rio São Francisco oferecia aspectos não culturais e a matéria-prima para a confecção dos vestígios, artes factuais,

ou seja, oferecia as condições para o estabelecimento das relações homem, mulher e meio ambiente entre os diversos grupos que ocuparam a bacia franciscana ao longo de milênios e que, dada a incessante observação da natureza, desenvolveram amplo conhecimento sobre seus nichos culturais (MENDES, 2018).



Figura 3- A Festa de Congos na Velha Sento-Sé. Fonte: arquivo família Lopes Ribeiro.

Assim, a construção da memória, da identidade e o patrimônio cultural imaterial, representado pelas manifestações culturais, como usos e costumes, comida, reza, música, dança, modo de viver, ficaram por muito tempo no esquecimento, sem a proteção e a tutela do Estado (VALIM; BONINI, 2016).

Silva (2016) afirma que o território é a referência identitária na vida das pessoas, e este espaço é o local formador do processo educativo, do espaço cotidiano de aprender a valorizar as manifestações culturais pertencentes a essa localidade. As vivências obtidas desde a infância se interiorizam no indivíduo, de modo que, o mesmo no decorrer do seu desenvolvimento humano-social possa reproduzi-las e perpassá-las de geração a geração.

No município de Sento-Sé, na área rural e urbana, as danças de São Gonçalo tornam-se muito frequentes nos finais de semana. Esse evento é um

ritual que segue as regras que são elaboradas, transmitidas e reelaboradas pelos próprios sujeitos que atribuem a esta dança, sentido sagrado. De forma mais frequente, pode-se dizer que, principalmente os rituais que fogem do controle institucional oficial de alguma religião, tendem a sofrer um processo de perda e apreensão de novos significados ao longo do tempo (SILVA et al., 2018).

A festa de Congos é um festejo tradicional, trazido pelos africanos em louvor a Nossa Senhora do Rosário, que na antiga cidade era comemorada a partir da primeira segunda que se segue à semana santa (AMARAL, 2012). A congada, diferentemente de outras manifestações culturais, fundamenta-se na religiosidade e em crenças de tradições africanas e católicas, constituindo-se em um sincretismo que combina símbolos e sentimentos (SILVA, 2016).

De acordo com Antônio Marcos da Rocha, presidente da irmandade dos Congos de Sento-Sé, em entrevista concedida no dia 14 de abril de 2019, a mudança da Velha para a nova cidade ocasionou em modificações, a exemplo da quantidade de dias que a festa acontecia. O presidente informou ainda, que na Velha Sento-Sé os devotos saíam em peregrinações pelas cidades e povoados próximos para arrecadar donativos e comemoravam durante toda a semana que antecedia a páscoa.

Rocha, afirmou que na Nova Sento-Sé com receio de assaltos e medo da violência, os congos não percorrem mais no interior do município. A festa se concentra na área urbana da cidade no sábado de aleluia e no domingo de páscoa onde cerca de 40 homens saem às ruas da cidade para pedir donativos e celebrar a Nossa Senhora do Rosário e as graças alcançadas. Tentam transmitir às novas gerações, as tradições e os costumes dos antepassados africanos.

No território da bacia do rio São Francisco há uma dificuldade em estabelecer “ligações” entre os grupos étnicos “remanescentes” e os grupos humanos responsáveis pela produção da cultura material identificada em toda a região são franciscana. De acordo com a pesquisa de Mendes (2018), nessa região há uma necessidade de construir a identidade a partir da pré-história,

dos fragmentos históricos e dos vestígios materiais da época pré-colonial, que ainda precisam refletir sobre esse período.

A professora Edonilce Barros, entrevistada no dia 24 de maio de 2019, rememorou que a Velha Sento-Sé era o local das brincadeiras, das cantigas da infância e nunca imaginaram que o rio São Francisco, que sempre foi espaço de referência dos moradores, pudesse cobrir a área rural e urbana do município. Segundo ela, a empresa Chesf agia da seguinte maneira na relocação dos ribeirinhos da Velha Sento-Sé:

A promessa que a Chesf fazia era que na Nova Sento-Sé iria ter trabalho e as condições da vida destas pessoas iriam melhorar. No dia da mudança veio à surpresa e um choque de realidade. Os funcionários da empresa chegavam e diziam que aquela família iria ser relocada naquele dia. Sem planejamento juntavam seus pertences, subiam nos caminhões e se davam conta de que iriam deixar a criação de gado, cabras e ovelhas para as águas barrentas do lago de Sobradinho. O povo sentiu a mudança quando subiam nos caminhões e viam os seus objetos pessoais caindo e seus animais de estimação ou rebanho deixados para trás, porque não tinham condições financeiras de relocá-los, as lágrimas caíam junto com os “trens”, [...], como eram chamados os móveis, roupas e louças que tinham (BARROS, 2019, informação verbal).

A pesca nas lagoas piscosas da Velha Sento-Sé

A pesca é uma das mais antigas atividades de subsistência humana sendo ao longo do tempo a principal fonte de proteína a suprir as necessidades do ser humano. No entanto, esta atividade tornou-se expressiva sob o ponto de vista comercial com a expansão da navegação e com o incremento das embarcações (SANTOS, 2018).

A pesca era praticada genericamente pelos beradeiros, embora raramente de modo exclusivo. A atividade não parecia despertar interesse dos fazendeiros, que consideravam a carne bovina superior e a atividade braçal da pesca indigna, o que dava autonomia para as empreitadas nesse ramo. Duas modalidades de pescaria são identificadas nas narrativas: a pesca de anzol, utilizando-se de uma canoa, no rio, cujo produto se destinava ao consumo e pequeno comércio do excedente; e a pesca de arrasto, praticada nas lagoas formadas pela baixa sazonal do rio (SILVA, 2010).

Os ribeirinhos desenvolveram saberes e práticas ao longo dos anos em um processo de experimentação e interação com o ambiente, transmitidas e

enriquecidas ao longo de gerações no dia-a-dia na beira do rio. Segundo Magalhães e Cunha (2017, p. 54), a pesca artesanal é uma atividade extrativa, portanto, os pescadores são “(...) formadores de um modo de vida particular, ou seja, como um grupo diferenciado no modo de produção capitalista que, embora esteja inserido nesse sistema, possui outra lógica de relação/produção/apropriação do espaço”, visto como valor de uso, em contraponto à lógica dos grandes agentes do capital, que veem o espaço como valor de troca.

O rio São Francisco e os seus recursos estavam como cerne desses bens naturais sucumbidos pelas águas represadas pelas hidrelétricas, surgindo não apenas como parte de um quadro de valores culturais e significativos, mas também, como um elemento externo, e ao mesmo tempo, socioeconômico. O ambiente próximo às águas são franciscanas caracterizava uma série de ensejos condicionais, que funcionando em reciprocidades com as disposições preexistentes nos sujeitos e na coletividade, resultavam em múltiplas afirmações no corpo social (MENEZES; MARQUES, 2017).

No município de Sento-Sé, antes da construção da barragem de Sobradinho, a pesca, embora praticada a nível artesanal, representava um suporte na dieta alimentar. A pesca comercial se realizava nas lagoas sendo processada por profissionais que corriam para a área nas épocas apropriadas (CIRES, 1980).

Souza (2017) explica que depois da construção da barragem de Sobradinho, os pescadores que dependiam do rio sofreram com a exclusão social e com a falta de apoio do Estado e a baixa pela atividade exercida. Esse autor (2017) explica ainda, que a qualidade de vida deste trabalhador é muito baixa, muitos têm sua renda complementada pela atividade agrária, tendo na pesca, entretanto, sua principal fonte de renda, e somente aqueles que vivem em centros urbanos dispõem de serviços de água tratada, esgoto e energia elétrica.

A vida das famílias ribeirinhas atingidas com as barragens ganha novos contornos na atualidade. Quem convive no meio dos pescadores e pescadoras artesanais, dos povos indígenas dessa região, dos remanescentes de

quilombos, dos migrantes vindos para construção das hidroelétricas, assustam-se com as difíceis condições de vida, desde a fome e a sede, passando por dificuldades de referências identitárias, entre tantos outros problemas socioambientais. Esses indicadores provam que este tipo de energia não é tão “limpa” assim (MENDES, 2018).

A agricultura de sequeira e a vazante na Velha Sento-Sé

De acordo com os documentos do Centro de Implantação do Reservatório de Sobradinho (CIRES, 1980), a agricultura ribeirinha utilizava as faixas estreitas de terra nas margens do rio e das ilhas, onde as cheias ocasionais depositavam, através dos anos, um húmus fértil e a água não desaparecia por completo durante as secas.

Lima (2004) afirma que os moradores que plantavam nas áreas de vazante eram chamados de lameiros por causa do tipo de solo que se formava nas vazantes do rio às suas margens e nas ilhas. Nas enchentes, as roças ficavam submersas. Logo que as águas baixavam, as terras ficavam férteis, prontas para serem cultivadas.

De acordo com o professor, Antonio Lima Rodrigues, nas ilhas da Velha Sento-Sé as pessoas tinham facilidade de plantar e colher mandioca, feijão de corda, tomate, cebola, jerimum, melancia e abóbora, que tinham a duração de seis meses do plantio à colheita, com duas safras anuais; enquanto que o feijão de arranca, o milho e a batata-doce eram apenas três meses, pois não precisavam de irrigação, nem de agrotóxicos.

Na época das chuvas, o rio enchia e levava as águas até as ilhas. Quando as águas baixavam, deixavam o húmus que é um adubo natural que não precisava de fertilizantes. Desse modo, o rio não corria risco de contaminação de agrotóxicos e nem de escassez de peixes.

A vida do ribeirinho que antes da construção da Barragem de Sobradinho baseava-se no trabalho, na agricultura e na criação de animais foi se desenvolvendo com os conhecimentos da tradição e aqueles aprendidos na lida diária. O contato com as demais regiões do país fazia-se por iniciativas

particulares, indo buscar o que lhes interessava. A vida política se apresentou entranhada na própria vida social e o modo de vida mudava lentamente até então (ASSY, 2014).

O ex fazendeiro, Jandir da Silva Sento-Sé, em entrevista concedida em 14 de abril de 2019, lembrou do dia que as águas da inundação começaram a chegar em sua fazenda.

Parecia uma coisa que nem existia, a ansiedade era muita, porque a água não chegou tão depressa, parecia uma nuvem de poeira que vinha da margem do rio, rolando e cobrindo casas, cercas, animais, e tudo desaparecia naquele momento. Em relação as indenizações só pagaram as benfeitorias, o valor da propriedade não era considerado, assim ninguém recebeu, foi um prejuízo (SENTO-SÉ, 2019, informação verbal).

Com essas lembranças, ressaltamos que a história de um povo, de uma comunidade ou de um município nos permite reconstituir aspectos do passado. É preciso destacar também que existe uma distinção entre história e memória:

Cabe à história investigar a circulação dessas representações do real, demonstrando que foram recriadas a partir de questões do presente. Ou seja, interessa considerar que o presente lhes imprime uma marca singular diferente daquele do acontecimento tal como ocorreu. O estudo da memória não se caracteriza somente por uma revisão da biografia individual, dividindo-se num “antes” e num “depois”. O significado das memórias emerge do interior da dimensão temporal que envolve a relação passado/presente, pois os sentidos atribuídos aos acontecimentos passados descritos foram produzidos depois deles terem se dado (CARDOSO, 2010, p. 156).

Diante disso, alguns períodos da história oficial parecem passar despercebidos por grande parcela da população. É como se os acontecimentos da história narrada, divulgada pelos meios de comunicação e pelos diversos órgãos e agentes produtores do passado, nada de especial trouxesse, não deixando marcas que as constituíssem em referências de um passado para explicar um presente e, assim, projetar um futuro.

A política na Velha Sento-Sé



Figura 4- Jornal Rivale. Fonte: Acervo Maria Franca Pires.

Para os expoentes políticos regionais, a possibilidade de articulação com outras instâncias do poder representava uma oportunidade interessante, embora exigisse a apropriação de novos mecanismos de coerção dos trabalhadores.

Silva (2010) destaca que qualquer pessoa que ainda hoje, chegue à região, logo se inteira daquele jogo de poder ou pelo menos de intenções de poder. Qualquer instituição, especialmente a serviço do capitalismo, no uso da boa estratégia, rapidamente se aproxima dos grupos mandantes, seduzindo-os de acordo com a personalidade, pelo argumento ou através de favores. Ao cidadão médio, resta saber a notícia das decisões e projetos, tão insignificante

que são diante dos grandes empreendimentos. É desnecessário argumentar que os planejadores de Sobradinho, à sua época, sabiam disso.

O cais e os vapores que transportavam passageiros e mercadorias

A partir da década de 1970, as mudanças sociais e econômicas atingiram a região com a construção da barragem de Sobradinho e produziram declínio no transporte fluvial. O declínio foi agravado em 1991 por falta de investimento do governo federal, estadual e também por nossos representantes não terem lutado por mais investimentos.

A Companhia de Navegação do São Francisco (FRANAVE) transportava pessoas, mercadorias e animais do norte baiano até Pirapora-MG, o transporte do rio São Francisco e os seus afluentes, promovendo a coordenação do tráfego fluvial entre diversas linhas e os demais meios de transporte, mantinham e desenvolviam a indústria de construção e reparação naval. Além disso, prestava serviços a terceiros mediante ajustes ou contratos renumerados (AMARAL, 2012).

De acordo com o Jornal *Caminhar Juntos* (1978), depois da construção da Barragem de Sobradinho, o sistema de eclusa que permitia a navegação para a escoação de produtos e mercadorias que navegavam de Juazeiro a Pirapora, teve um enorme prejuízo devido a mudanças na dinâmica do sistema de navegação, porque antes da hidrelétrica, as águas do rio eram mais paradas, atualmente, com as maretas fortes impossibilitou a navegação por vapores em suas águas, sendo viável apenas o transporte por balsas.

Considerações finais

Este trabalho de pesquisa sobre os impactos socioambientais de Sento-Sé trouxe reflexões, lembranças e saudades de um lugar que ficou submerso pelas águas do rio São Francisco que pode ser lembrado através das memórias dos atingidos relocados de uma cidade para outra para a construção da barragem de Sobradinho, objetivando gerar energia elétrica. Foi

apresentado relatos acerca do que aconteceu para que os sentoseenses ficassem indignados, e o porquê das comunidades próximas à hidrelétrica, as casas e as propriedades não terem sido beneficiadas com as indenizações a que tinham/têm direito.

A Velha Sento-Sé não existe mais fisicamente, só nos relatos memorialísticos, recordações dos relocados, nos versos do ABC do São Francisco, nas músicas e poemas dos poetas que tem como fonte de inspiração o rio São Francisco, nas histórias contadas e transmitidas às gerações presentes e futuras sobre um período no qual os sentoseenses não puderam opinar sobre as decisões de moradia e valor de seus próprios bens, apenas obedeceram e embarcaram rumo à aventura do desconhecido.

Agradecimentos

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos ao primeiro autor, durante o mestrado.

Referências

AMARAL, A. R. P. **Sento-Sé memórias de uma cidade submersa**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Juazeiro (BA), 2012.

ASSY, M. R. A. **A força inventiva da voz ignorada**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-puc São Paulo, 2014.

CARDOSO, L. C.; OLIVEIRA, A. M. C. dos S. **Recôncavo Sul**: terra, homens, economia e poder no século XIX. Salvador BA: UNEB, 2002.

LIMA, A. R. **Memórias dos lameiros do Velho Chico**: histórias da população transplantada para Quixaba, Sento-Sé BA. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Universidade Federal de Pernambuco, 2004.

MAGALHÃES, S. B.; CUNHA, M. C. (Orgs). A Expulsão de Ribeirinho em Belo Monte. In: **Relatório da SBPC**, São Paulo, 2017.

MENDES, E. M. Sobradinho 40 anos: da promessa ao vazio. In: MARQUES, J.; WAGNER, A.; MENEZES, L. (Orgs). **Barrando as barragens**: o início do fim das hidroelétricas. Paulo Afonso-BA: Editora SABEH, 2018.

MENEZES, L. S. de; MARQUES, J. **A barragem de Itaparica e os atingidos de Petrolândia–PE**. Juazeiro: 2017.

REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. (Org.) **História Regional e Local: discussões e práticas**. Salvador: Quarteto, 2010.

SANTOS, J. M. **Cultura material e etnicidade dos povos indígenas do São Francisco afetados por barragens**: um estudo de caso dos Tuxás de Rodelas Bahia, Brasil. Salvador, Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia-UFBA, 2018. Disponível em:<
https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/10835/1/tese_Juracy%20Marques1.pdf>
.Acesso em 4 mar.2019.

SILVA, E. M. da. **Desterritorialização sob as águas de Sobradinho**: ganhos e desenganos. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2010. Disponível em:<
<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/.../1/Edcarlos%20Mendes%20da%20Silva.pdf>> .Acesso em 30 de mar.2019.

SILVA, F. M. D. Manifestações culturais como forma de resistência do negro brasileiro: festa da Congada. In: **V Congresso Internacional de História**. Itajaí-GO. 2016. Disponível em:<
www.congressohistoriajatai.org/2016/.../1477949441_ARQUIVO_Manifestacoescultu> Acesso em 10 de mar.2019.

SILVA, J. S. M de. **Samba de Véio**: interações e sentidos de uma simbologia identitária na Ilha do Massangano. Juazeiro- BA, 2016.

SILVA, M. D. de. C. E. O sagrado e o profano na dança de São Gonçalo: etnografia de um ritual de pagamento de promessa. In: **Revista Mosaico**, PI, 2018. Disponível em:<
seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/6029> Acesso em 18 de mar. 2019.

SOUZA, I. V. de. **Convivência dos pescadores artesanais com a transformação do Rio São Francisco**: um processo de resiliência da comunidade do Angari, Juazeiro, Bahia, 2017.

VALIM, M. das C. A.; BONINI, L. M. de M. Patrimônio cultural material e imaterial: as rezadeiras da Festa do Divino em Mogi das Cruzes (SP). In: **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 31-43, jan./abr. 2016. Disponível em
:https://www.researchgate.net/.../309126948_PATRIMONIO_CULTURAL_MATERIAAL Acesso em:10 de mar. 2019.

Acervos Pesquisados

Biblioteca da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Acervo Dom José Rodrigues.

Fontes Orais

Antônio Rodrigues Lima, professor, entrevista realizada no Colégio Dep. Jayro Sento-Sé na cidade de Sento-Sé, no dia 13 de abril de 2019.

Antônio Marcos da Rocha, presidente da irmandade dos Congos de Sento-Sé. Na Velha Sento-Sé, entrevista realizada na residência do colaborador da pesquisa na cidade de Sento-Sé, no dia 14 de abril de 2019.

Edonilce Barros, diretora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), entrevista realizada no Departamento de Ciências Humanas (DCHIII/UNEB), na cidade de Juazeiro-BA, no dia 24 de maio de 2019.

Jandir da Silva Sento-Sé, ex prefeito, ex fazendeiro e aposentado, entrevista realizada na residência do colaborador da pesquisa na cidade de Sento-Sé, no dia 14 de abril de 2019.

Marlene Cruz do Nascimento, professora, técnica em Enfermagem aposentada e ex-funcionário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Sento-Sé, entrevista realizada na residência da professora na cidade de Sento-Sé, no dia 14 de abril de 2019.

Veraldino Nunes de Azevedo, professor aposentado, entrevista realizada na residência do professor na cidade de Sento-Sé, no dia 13 de abril de 2019.

Relatórios e Documentos

COMPANHIA HIDRO-ELÉTRICA DO SÃO FRANCISCO. **Relatórios do Centro de Implantação do Reservatório de Sobradinho-CIRES**, 1974.